

Tem crente no pedaço: apropriações da cidade por jovens evangélicos

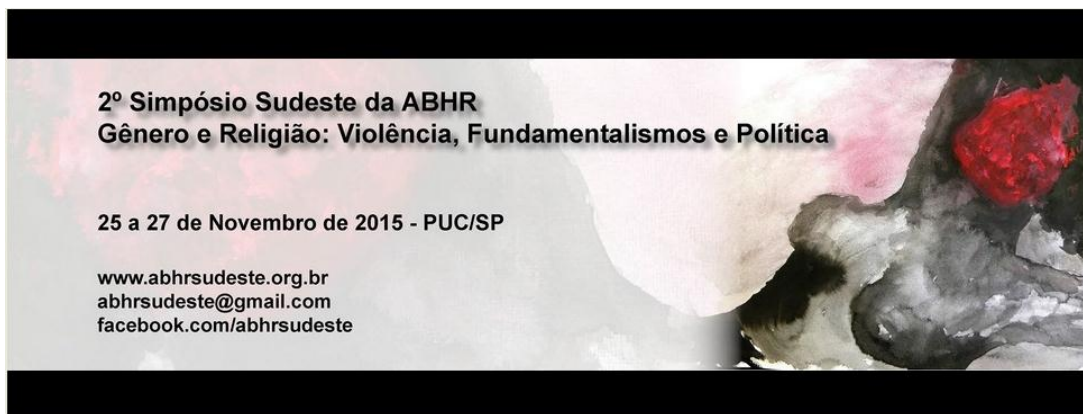
Waldney de Souza Rodrigues Costa¹

As interfaces entre religião e espaço urbano vêm ganhando significativo espaço em meio a diferentes pesquisas e reflexões. A título de exemplo, cabe registrar o esforço de Zeny Rosendahl ao evocar esse tema em seus trabalhos, sobretudo na obra *Hierópolis* (ROSENDAHL, 2012) e as próprias atividades da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), que tomou o assunto como eixo central de seu 12º Simpósio Nacional realizado em 2005, em Belo Horizonte (MG). Neste caso, as conferências do evento deram origem a obra *O Sagrado e o Urbano* (BAPTISTA, PASSOS, SILVA, 2008).

Essas duas obras tomadas como exemplo indicam a vivacidade do tema, mas na realidade não há um único caminho para se chegar a ele. Como Mafra e Almeida (2009) explicam, as religiões têm se apresentado como um tema relevante para quem estuda a cidade, sobretudo após a década de 1990. Quem estuda o espaço urbano em algum momento de sua reflexão acaba sendo provocado a discutir religião. Entretanto, também pode acontecer o inverso. Alguém, estudando religião, se ver provocado à discussão das cidades. Este foi o meu trajeto na pesquisa que executei por ocasião do meu mestrado em Ciência da Religião.

Para a escrita da minha dissertação (COSTA, 2015), pesquisei como a religiosidade de jovens evangélicos influencia a forma como vivenciam o

¹ Mestre (2015) e doutorando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG (PPCIR/UFJF). Bolsista CAPES. Orientado pelo prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira. Graduado em Teologia (2011) e Ciências Humanas (2012). Membro dos grupos de pesquisa NERCS e NEPROTES. Tesoureiro da ABHR para o mandato 2015-2017. E-mail: dnney@ibest.com.br




lazer. Tendo em vista que a religião estabelece “poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens” (GEERTZ, 2008, p. 67), investiguei as disposições e motivações que a religião estabelece de maneira a influenciar o modo como se vivencia o lazer. Nesse trabalho interessava-me não só as vivências de lazer das quais os jovens se afastavam por motivos religiosos, mas principalmente as que eles só tinham acesso (e só lhes faziam sentido) exatamente por serem evangélicos.

Religião e lazer eram os dois eixos que interessavam imediatamente à pesquisa. Porém, para compreender a forma como esses dois temas se interpenetravam no contexto em que eu pesquisava foi necessário incorporar uma reflexão sobre o espaço urbano e lançar mão de categorias específicas utilizadas em seu estudo. Minha proposta nesse texto é apresentar brevemente como isso aconteceu, narrando a gênese de duas categorias que se tornaram centrais na apresentação de como os jovens evangélicos que pesquisei vivenciavam seu lazer, a saber, *pedaço dos crentes* e *circuito de eventos evangélicos*. Incorporar a discussão espacial não apenas tornou viável a descrição das práticas observadas como também propiciou um questionamento da forma como os evangélicos têm sido retratados na Academia. Sendo assim, antes de entrar no cerne do problema que pretendo desenvolver, peço licença para um breve apontamento sobre como essa expressão religiosa geralmente é abordada nas reflexões.

A desafiadora matriz protestante no campo religioso brasileiro

Situar a vasta gama de expressões religiosas de matriz protestante² comumente chamada de “evangélicos” no campo religioso brasileiro não é uma tarefa simples. A diversidade é muito grande. Contudo, os estudos das

² A expressão *matriz protestante* refere-se às religiosidades que tenham certa familiaridade com o movimento religioso que teve início na Reforma Protestante. É um esforço para não reificar rupturas, focando as relações que existem no mundo evangélico em geral.



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política


25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

religiões no Brasil encontraram uma possibilidade de mapeamento que é especialmente didática, sobretudo quando se pretende apresentar tais expressões a quem não tem familiaridade com o assunto. Trata-se do mapeamento histórico-institucional, ou, em termos mais simples, o mapeamento a partir do surgimento das igrejas no território nacional.

Observando o surgimento das denominações no Brasil, algumas categorias foram criadas agrupando tais expressões sistematicamente. Os grupos foram separados primeiramente em *protestantes* e *pentecostais*. Os primeiros foram divididos em *Protestantismo de Imigração* (especialmente luteranos e reformados oriundos de diferentes países) e *Protestantismo de Missão* (sobretudo presbiterianos, metodistas, batistas e congregacionais). Os outros, sendo grupos que surgiram mais recentemente, foram separados em *Pentecostalismo Clássico* (as Assembleias de Deus e a Congregação Cristã do Brasil), *Deuteropentecostalismo* (especialmente a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Deus é Amor) e *Neopentecostalismo* (sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Renascer em Cristo).

Como autores de referência dessas propostas, cito Mendonça (1995) e Mariano (1999); mas elas tornaram-se amplamente utilizadas para entender os evangélicos no campo religioso. Esse tipo de enquadramento, embora, em um primeiro momento, ajude a desvendar a realidade, depois, quando tal realidade é observada mais de perto, apresenta-se insuficiente. Grupos de igrejas representados nessas categorias não estão isolados, mas mantêm algum tipo de relação, ainda que em variados níveis. Na expansão do movimento pentecostal, por exemplo, vários grupos do chamado protestantismo de missão são afetados e surgem cisões dando origem às igrejas chamadas de Renovadas. E mais. Características das igrejas mais recentes, geralmente ditas neopentecostais, são incorporadas por algumas



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP


www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

igrejas situadas em outros grupos, fenômeno geralmente chamado de “neopentecostalização” (FERREIRA, 2014; por exemplo).

Além disso, tem-se que uma série de fenômenos que acontecem em paralelo às igrejas não é representada abertamente nas categorias. Não que eles não sejam estudados! Mas a forma como tais fenômenos articulam-se nos grupos representados pelas categorias disponíveis fica nebulosa. Esse é o caso da ação das instituições paraeclesiais e da produção cultural gospel. São difíceis de situar. O caso gospel, por exemplo, ou é identificado com a ação de uma única denominação, a Renascer em Cristo (DOLGHIE, 2004; por exemplo), ou é abordado no amplo espectro dos evangélicos (CUNHA, 2004; por exemplo).

Nota-se que o mapeamento pelas categorias é um tanto localizado e existe razão para isso. Ora, que outro ponto de partida seria melhor para estudar os evangélicos que os lugares em que eles mais se reúnem, ou seja, as igrejas? Porém, existem fatos acontecendo com tais sujeitos que transcendem as instituições a que estão filiados e o estudo do campo religioso brasileiro está carente de categorias que os absorvam, pois não são facilmente localizáveis.

Na pesquisa que realizei deparei-me com um agravamento desse quadro. Uma espécie de movimento pendular de adeptos de uma denominação em direção a outras. Interessado em pesquisar a interface entre lazer e religião nas práticas de jovens evangélicos de Juiz de Fora (MG), tomei uma igreja batista situada na região central da cidade como referência inicial, mas, a partir dela, segui a sociabilidade dos jovens por diferentes espaços, tais como eventos dessa igreja e de outras, lanchonetes, restaurantes, festas de aniversário, shows gospel, entre outros. Era comum, na ocasião de eventos de diferentes proporções, um amigo “visitar” a igreja de outro amigo, sem ter nenhuma intenção de filiar-se a ela.



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP


www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

Tal realidade fez-me perceber que, além dos desafios apontados acima, a própria atitude de tomar as igrejas protestantes e pentecostais como espaço privilegiado para situarmos as práticas de seus adeptos talvez deva ser colocada em questão. Cada membro pode posicionar-se criticamente frente à instituição a que está filiado, sem necessariamente deixá-la. O que observei levou-me a buscar uma categoria suficientemente deslocada a ponto de acompanhar o movimento dos jovens. Encontrei a inspiração para tal feito deslocando a reflexão sobre o meu local inicial de estudo, a igreja, para o espaço maior em que se davam as práticas que eu observava, a cidade.

Como lidar com o problema da localidade?

O problema da localidade dos objetos de estudo não é exclusivo do campo de estudos de religião, mas também é percebido na Antropologia em geral. Tal disciplina firmou-se como campo especializado de conhecimento tomando como objeto de reflexão os grupos humanos mais distantes e aparentemente mais exóticos. Teorias importantes foram cunhadas estudando as aldeias e nas aldeias. Mas o avançar da modernidade trouxe novos desafios. Os “nativos” outrora estudados entraram em articulação com o “mundo do homem branco”. A distância foi reduzida e o “nativo” que não se integrou, desapareceu. Tal integração abalou a Antropologia e o incômodo chega ao ponto de alguns antropólogos essencializarem seus nativos, minimizando as mudanças em seus relatórios de campo. Como exemplo, cito o fato de muitos ficarem indignados quando veem “seus nativos se tornarem crentes”, uma vez que até os trobriandeses de Malinowski estão aderindo à fé pentecostal (VELHO, 2007, p. 341).

O fato é que restaram à Antropologia basicamente duas opções: pesquisar como o “nativo” integrou-se ou voltar seu olhar para os de perto, as



**2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política**


25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
[facebook.com/abhrsudeste](https://www.facebook.com/abhrsudeste)

sociedades ditas complexas. Nesse processo, categorias anteriormente utilizadas, como cultura e comunidade, precisaram ser repensadas (MAGNANI, 2012). E um dos motivos para isso é o mesmo que apontei a respeito das categorias de mapeamento das expressões religiosas de matriz protestante. A prática dos sujeitos pesquisados não se mostrava atrelada apenas a um local específico. As “aldeias” incorporaram vários aspectos do “mundo do homem branco” e seus membros passaram movimentar-se nesse mundo. E quanto aos pesquisados mais próximos, agora passíveis de observação participante, vivem em uma sociedade marcada pelo multiculturalismo. As ditas culturas até mantinham certa referência local, mas mostravam-se cada vez mais “multissituadas” (MARCUS, 1995). A localidade, referência tão importante inicialmente, precisou ser repensada.

Cada vertente antropológica tem enfrentado esse desafio de alguma maneira, mas o problema da localidade é algo que afeta muitos campos das ciências humanas. Por algum motivo ele aparece pouco nos estudos das religiões, exceto quando o tema é a transnacionalização. Nem mesmo os estudos de religiões realizados no campo antropológico incorporam tal discussão. Ao fazer um balanço da produção antropológica recente no Brasil, Paula Montero (2004) admira-se de como tais estudos não absolveram a tendência geral da antropologia, de pesquisar os fluxos ao invés de universos auto-referidos. Para a autora, tal prática acaba reificando objetos de estudo.

Esse não foi o caso, por exemplo, dos estudos antropológicos urbanos. Como a Antropologia poderia estudar a (ou na) cidade, uma realidade, à primeira vista, vasta, complexa, plural e até meio caótica? Essa disciplina não é habituada ao estudo do microcosmo, do particular e do específico? Estudos antropológicos urbanos só tornaram-se possíveis enfrentando o problema da localidade, deixando de estudar a urbe, como um todo, para estudar a apropriação que cada ator em particular faz do espaço urbano. Essa tem



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste


sido, por exemplo, a proposta do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/USP), liderada pelo professor José Guilherme Cantor Magnani.

Mas surge um problema: ao observar as práticas dos atores “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), não se perderia o referente mais amplo que é a própria cidade? Para MAGNANI (2002), rejeitar a abordagem total da urbe a princípio não significa uma total fragmentação dos estudos. O que se deve fazer é evitar o choque da comparação imediata entre o indivíduo e a cidade em sua totalidade, mas não rejeitar a cidade enquanto problema de pesquisa. Para resolver a equação, o autor propõe que sejam trabalhadas totalidades intermediárias em que o ator, ou melhor, conjuntos de atores estejam inseridos. São totalidades que os atores já experimentam em seu cotidiano e, por isso mesmo, podem ser percebidas pelo pesquisador.

Como a minha pesquisa com os jovens evangélicos acontecia em ambiente urbano, não foi difícil encontrar utilidade nessa proposta. Eu estava seguindo um conjunto de atores em busca de mapear como suas práticas envolviam lazer e religião. Buscar uma categoria de mediação parecia uma estratégia oportuna. Havia uma dupla contingência espacial: a cidade, visto que eu pesquisava em espaço urbano; e a igreja, uma vez que eu pesquisava os jovens a partir de uma igreja específica. Era preciso descrever as práticas dos jovens sem perder de vista como se relacionavam com a igreja a que estavam filiados, as outras igrejas e toda a macroesfera evangélica, incluindo a produção gospel. Isso foi possível voltando o foco para a apropriação que eles faziam da cidade.

O pedaço dos crentes

Em busca de mediação, Magnani (2002) propõe algumas categorias que correspondem a totalidades intermediárias: pedaço, circuito, mancha,



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política


25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

pórtico e trajeto. Constituem uma espécie de modelo. Dotadas de plasticidade, elas servem de catálogo, para, em um momento futuro, chegar a uma antropologia que trate da cidade como um todo. Ou seja, é uma proposta de Antropologia na cidade que tem em seu horizonte uma Antropologia da cidade (MAGNANI, 2012). A noção de “pedaço” foi a que abriu caminho para as demais. Ela foi cunhada a partir da pesquisa da tese de doutorado do autor, em 1982, quando ele trabalhou para descrever a vivência do lazer de moradores da periferia de São Paulo e com eles aprendeu o que era um “pedaço”, até então um termo nativo.

Em pesquisas posteriores, o autor efetuou ajustes, testando a possibilidade de transformar esse termo nativo em categoria analítica. Assim foi descoberta a potencialidade da categoria. Como tal, o termo não se define por um grupo. Tampouco por um lugar. É aquilo que surge na interação entre um grupo e um espaço, no momento em que os sujeitos fazem uma apropriação específica para o lazer. Na verdade, o pedaço é uma categoria “sócio-espacial” (MAGNANI, 2002, p. 21, sic). É um lugar que só surge quando há um grupo que o possa compor. Um espaço intermediário entre o público e o privado. Não é a casa do sujeito, mas ainda assim é um lugar que lhe é familiar, pois é onde se encontra com seus chegados. Além disso, a existência de um pedaço pressupõe certo grau de afinidade entre aqueles que o compõem, mas isso pode dar-se em diferentes níveis entre pessoas que se conhecem e se reconhecem. Assim, através de sua linguagem, das vestimentas, de certo padrão de consumo ou de referências musicais, os atores podem indicar o pedaço a que pertencem. Tais referentes são usados para reconhecer os pares.

Essa categoria utilizada para pesquisar a sociabilidade na cidade revelou-se extremamente útil para superar uma grande dificuldade com a qual me deparei ao longo da pesquisa, quando não encontrei uma totalidade



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política


25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

razoavelmente clara sobre a qual eu pudesse dissertar. A primeira totalidade com a qual tentei trabalhar foi o grupo de jovens da igreja tomada por referência inicial. Falar dele pouco ajudava quando eu queria descrever o lazer das pessoas com quem eu convivia, uma vez que ele refletia características da própria igreja. Assim como há diferentes níveis de comprometimento com ela (que vai desde o visitante até aquele que ocupa algum cargo), há diferentes níveis de identificação com seu grupo jovem.

Nos cultos de sábado eu não estava diante de um agrupamento homogêneo, mas presenciava uma reunião de uma média de quinhentos jovens em que pessoas de diferentes níveis de comprometimento (com o grupo formalmente constituído e com a igreja) produziam diferentes tipos de interações. Tais interações eram extremamente fragmentadas de forma a dificultar a obtenção de um relacionamento mais próximo com as pessoas. Durante o período em que frequentei os cultos de sábado, vi os próprios pastores líderes, em diversas ocasiões, se queixarem desta mesma dificuldade. Aumentei a quantidade de reuniões da igreja a serem observadas (cultos de domingo, de quarta-feira,...) esperando discernir os jovens mais frequentes, mas tudo o que consegui foi aumentar a quantidade de vezes em que observava a mesma complexidade. Eu, como pesquisador, estava à deriva, procurando regularidades as quais eu pudesse descrever, mas tudo o que eu observava me era muito difícil de sistematizar.

Essa situação se manteve até o dia em que um dos jovens me convidou para *sair* com eles depois do culto. A *saída* refere-se a ir para algum lugar (como uma lanchonete ou pizzaria), para lanchar após o culto. Cerca de vinte jovens, distribuídos em alguns carros e motos dirigiram para algum estabelecimento em outro ponto da cidade. Em todas as *saídas* das quais eu consegui participar/observar, estava diante de um grupo que me tratava com



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

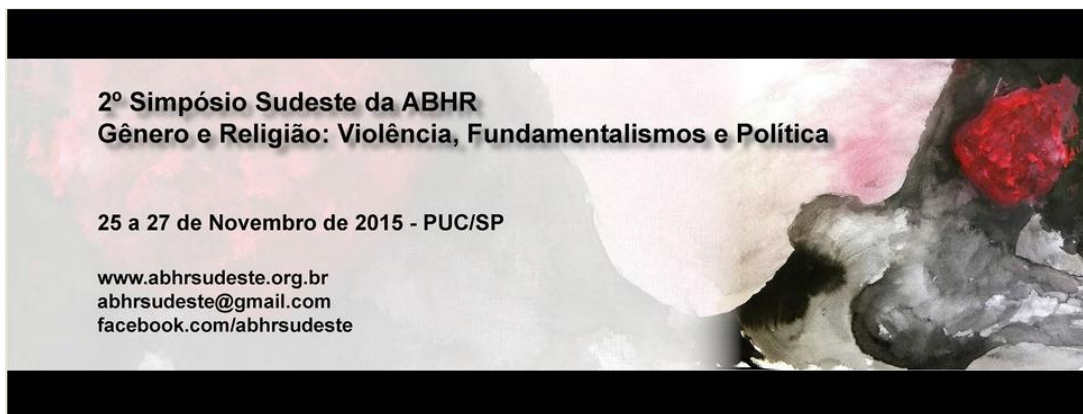
www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

maior intimidade, de maneira que eu conseguia ter uma relação mais próxima a ponto de conseguir informações mais precisas sobre o lazer desses jovens.

Entretanto, uma questão se impunha: o que exatamente eu estava observando? Era o grupo de jovens da igreja? Não exatamente. É verdade que os membros dessa instituição eram a maioria, mas alguns que não eram também estavam presentes nas *saídas*. Seria um grupo de jovens batistas? Também não, pois entre os que *saíam* também havia os que se declaravam membros de outras denominações, ou seja, igrejas que não eram batistas. Agravava o problema casos como o de uma moça que ia ao culto da sua igreja e, assim que acabava, pegava um ônibus em direção à igreja em que eu estava pesquisando para encontrar com o *pessoal*. Impunha-se a dificuldade de nomear esse espaço específico que surgia em pontos diferentes da cidade, com relativa regularidade de seus membros.

Foi neste ponto da pesquisa que a categoria pedaço tornou-se salutar. Como não foi cunhada para pensar a religião, mas certos usos da cidade para o lazer, ela permitiu que eu trabalhasse com um objeto razoavelmente claro, sem ficar preso às categorias que geralmente têm sido empregadas na sociologia da religião no Brasil (protestantismo de imigração, protestantismo de missão, pentecostalismo, neopentecostalismo). Estas foram cunhadas a partir das igrejas e os jovens com quem eu convivi faziam algo que estava para além delas.

Sendo assim, trabalhei com a noção de pedaço dos crentes como aquilo que resulta da junção de um pequeno grupo de amigos que frequentam certa igreja (no caso, a que eu pesquisava), os *amigos dos amigos* (que são aquelas pessoas que são amigas de algum componente do pedaço e acabam participando dele, embora nem sempre sejam da mesma igreja) e um espaço que por eles é apropriado (no sentido de apossado) para o lazer. Por acontecer para além das igrejas, fazia sentido deixar de pensar em batistas,




para pensar em evangélicos em sentido largo. E como “crente” era o termo mais utilizado por eles em meio a gracejos e brincadeiras para demonstrar a intimidade que gozavam entre si no lazer, emprega-lo demonstraria a proximidade exigida no pedaço. O pedaço dos crentes foi uma categoria facilitou o estudo da maneira como pessoas que se reconhecem em uma mesma fé (embora não sejam adeptos de uma mesma igreja) apropriam-se de determinados espaços na cidade para o seu lazer.

O circuito de eventos evangélicos

Ao seguir o pedaço dos crentes por diferentes espaços, deparei-me com outro desafio. Havia uma série de lugares dispersos pela cidade que, em determinados momentos, tornavam-se pontos de encontro, lazer e sociabilidade desses jovens. O grande diferencial desses espaços em relação aos que eram utilizados nas “saídas” é que eles não estavam abertos ao público em geral, mas eram especialmente voltados para esse marcador identitário. São os eventos evangélicos.

Chamo de *evento evangélico* qualquer acontecimento excepcional que gera um grande envolvimento de evangélicos, englobando adeptos, curiosos e simpatizantes dessa expressão religiosa. Atividades desse tipo podem ser pensadas como estratégias de captação de fiéis para as igrejas, mas não se pode negar que também se fazem lazer para os fiéis, já “convertidos”, que neles se encontram. Os crentes se divertem, e muito, quando se encontram. O evento é uma oportunidade para que isso aconteça.

A noção de evento evangélico implica em uma compreensão larga do objeto. Não apenas igrejas ditas neopentecostais, comumente vistas como mais “modernas”, seriam provedoras de eventos. Qualquer igreja de matriz protestante que promova um culto especial ou reunião diferenciada, quebrando a rotina institucional e gerando maior envolvimento de crentes,



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

estaria promovendo isso que chamo de evento evangélico. Mas não só igrejas fomentam eventos deste tipo. Há pelo menos três categorias de agências promotoras: *eclesiais* (que são as igrejas), *para-eclesiais* (associações que atuam em paralelo com as igrejas, tais como os conselhos de pastores) e *não eclesiais* (empresas de eventos e órgãos públicos).

Esses diferentes tipos de agências disponibilizavam eventos aos jovens com quem eu convivia. Ao perceber como alguns eventos os atraíam, eu me vi diante de uma situação semelhante à vivenciada por Rumstain (2007) ao realizar um estudo inicialmente na Igreja Renascer em Cristo, em São Paulo (SP). O estudo da sociabilidade de jovens de uma igreja evangélica projeta o pesquisador pra fora dela (RUMSTAIN, 2007, p. 141). Para entender o conjunto de ambientes frequentados pelos jovens que observava, Rumstain trabalhou com a ideia de que existiria um “circuito *gospel*” disponível aos evangélicos paulistas. Em Juiz de Fora (MG) parece existir algo muito parecido. Porém, como prefiro reservar o termo *gospel* para eventos musicais atravessados pelas relações de consumo (os shows), denomino este conjunto de *circuito de eventos evangélicos*³.

Neste caso utilizo o termo *evangélicos* ao invés de *crentes* porque muitos eventos são fomentados visando para captar adeptos para essa fé. A categoria deveria refletir a forma como os sujeitos com quem eu convivi apresentam-se para quem não é adepto. A lógica é diferente da que gere o pedaço, que é o espaço da celebração da intimidade já conquistada. Só os “chegados” (mais íntimos) se chamam de “crentes”.

Esse circuito era viabilizado através da atuação de diferentes agências articuladoras. Elas fazem a conexão entre o adepto, simpatizante ou curioso do universo evangélico e os eventos promovidos na cidade. Existem pelo


³ Chamá-lo desta forma também parece realçar o papel das igrejas, pois o termo *gospel* parece sugerir algo que está à parte delas. Na realidade há uma relação entre elas e a “cultura *gospel*” (CUNHA, 2013).



menos três agências deste tipo. As empresas de publicidade especializadas neste marcador identitário, como a Top Gospel JF, que disponibilizam através de sites, blogs e páginas na plataforma do Facebook a programação especificamente voltada para evangélicos na região. As rádios comunitárias evangélicas, que, embora nem sempre sejam legalizadas, cumprem um importante papel anunciando os eventos. E as livrarias evangélicas que são frequentadas por adeptos de diferentes igrejas em busca de Bíblias, revistas de escola dominical, livros, CDs, entre outros. Elas disponibilizam nas lojas espaços específicos para a divulgação de eventos, tornando-se essenciais nessa articulação. Como se pode perceber, esse tipo de circuito aciona diferentes mecanismos próprios da urbe.

Considerações Finais

O pedaço dos crentes e o circuito de eventos evangélicos tornaram-se os principais objetos de observação da pesquisa de minha dissertação. A partir deles, pude discutir não só como o fato de ser evangélico influenciava o lazer (objetivo inicial), como também destacar muitas nuances em torno desse lazer que me permitiram levantar questões a respeito da forma como interpretamos essa religião/religiosidade. No caso em questão, foram essenciais para conseguir falar de um uso religioso (embora também lúdico) da cidade que excedia o tradicional recorte das igrejas. Para os jovens com quem convivi, ser evangélico (ou crente) era muito mais do que assumir determinados credos e frequentar uma igreja. Era também poder comprar o ingresso para um show gospel em uma livraria evangélica, ir a um evento na igreja de um amigo, participar do culto que iria receber algum pastor que o chama a atenção em uma terceira igreja, juntar os amigos (também crentes) em um restaurante para comemorar o aniversário de alguém ou para assistir aos jogos da Copa do Mundo no Brasil... Enfim, ter a sua disposição uma



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
facebook.com/abhrsudeste

vasta gama de possibilidades de lazer dispersas pela urbe. Possibilidades que as categorias em questão facilitam a apresentação, visto que não são imediatamente identificáveis através das igrejas. Cabe agora rever suas possibilidades, bem como seus limites, mas não é esse o melhor espaço para tal discussão.

Por hora, é importante lembrar que uma grande quantidade de pesquisas qualitativas sobre religião, sobretudo as de viés etnográfico, privilegiam os lugares que chamo de centrais de exercício da crença. Sendo assim, quem pesquisa adeptos de religiosidades de matriz africana faz sua observação participante no terreiro, quem pesquisa mulçumanos nas mesquitas, quem pesquisa católicos na paróquia ou nas comunidades eclesiais de base e, principalmente, quem pesquisa evangélicos observa as igrejas. No entanto, como revela o caso da pesquisa aqui apresentada, a reflexão sobre apropriações religiosas da cidade pode revelar não só aspectos do espaço urbano, como também da expressão religiosa em questão, favorecendo a descrição de outras possibilidades de prática da fé. Trata-se de uma questão a ser mais bem desenvolvida, mas espero que essa apresentação contribua de alguma forma com sua discussão.

Referências

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; PASSOS, Mauro; SILVA, Wellington Teodoro da. **O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas, 2008. [Edições ABHR].

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues Costa. **Tem crente do pedaço: religião e lazer entre jovens evangélicos**. 2015. 269 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CUNHA, Magali Nascimento. Religiosidade midiática e novos paradigmas de cristianismo e de culto em tempos de cultura gospel. In: DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. (Orgs.). **Protestantes, evangélicos e**



(neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 203-213.

_____. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil.** 2004. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DOLGHE, Jacqueline Ziroldo. **A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing.** **Ciências Sociais y Religion**, Porto Alegre, Associação de Cientistas Sociais de la Religión Del Mercosur. Ano 6, n. 6, p. 201-220, out. 2004.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Neopentecostalização do pentecostalismo clássico: mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus.** 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 13. reimpr. Rio de Janeiro: LHC, 2008.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. Apresentação. In; _____ (Orgs). **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 9-15.


MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 13-28, 2002.

MARCUS, George. **Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography.** **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.



2º Simpósio Sudeste da ABHR
Gênero e Religião: Violência, Fundamentalismos e Política

25 a 27 de Novembro de 2015 - PUC/SP

www.abhrsudeste.org.br
abhrsudeste@gmail.com
[facebook.com/abhrsudeste](https://www.facebook.com/abhrsudeste)

MONTERO, Paula. Antropologia no Brasil: tendências e debates. In: **TRAJANO FILHO, Wilson; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). O campo da Antropologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Contra Capa Editora; ABA, 2004. p. 117-142.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

RUMSTAIN, Ariana. A balada do senhor. In: **MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p. 135-150.

VELHO, Otávio. Mais realistas que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: ToopBooks, 2007.